

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 551	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120	II DE ABRIL DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

O lugar de honra da nossa chronica pertence hoje a um acontecimento doloroso que foi a nota triste, luctuosa da semana—a morte de Fernando Caldeira.

Pela posição proeminente, que occupava no theatro portuguez contemporaneo, pela gloria radiante, que laureava o seu brilhante nome de dramaturgo e de poeta, pertence lhe de direito esse lugar d'honra nas chronicas dos acontecimentos de Lisboa, como na nossa estima e na estima de quantos o conheciam lhe pertencia lugar de honra pelas subidas qualidades de espirito de coração que faziam d'elle o melhor dos homens.

Mercê d'essa excepcional dualidade de grandezas, que se dava em Fernando Caldeira, a de talento e a de caracter, nós hoje registando aqui com os olhos rasos de lagrimas a morte d'um dos mais queridos amigos, d'um companheiro adorado, registamos ao mesmo tempo o desaparecimento d'um dos espiritos mais brilhantes, dos talentos mais delicados, em quem a delicadeza não excluía a pujança, que tem irradiado no theatro portuguez.

Ferido ha muito tempo pela doença terrivel que o havia de matar, Fernando Caldeira como que não querendo entristecer os seus amigos com o espectáculo doloroso da sua lenta agonia, do esphacelamento progressivo do seu forte e robusto organismo, retirara-se ha mezes da vida alegre e ruidosa de Lisboa, dos theatros onde o seu grande talento tantos triumphos conquistára e sóinho com a sua fatal doença, com as saudades pungentes d'esses entes queridos, que a morte lhe roubára, primeiro sua velha e querida mãe, depois uma sobrinha estremecida a quem elle queria como a filha adorada, metterá-se n'uma quinta na estrada de Bemfica e ahi esperou sereno, tranquillo, resignado a morte que o havia de levar para junto d'aquelles que elle tanto amara.

A morte não se fez esperar.

Na madrugada do dia 2 do corrente uma suffocação matou-o quasi que instantaneamente nos braços do seu irmão Eduardo, que sabendo o muito mal viera ha mezes da Borralha fazer lhe companhia.

A morte foi quasi instantanea, sem agonia, sem estertor, mas ainda assim Fernando Caldeira conheceu-a, advinhou a.

Quando se sentiu affogado pela soffocação, disse ainda com voz bem intelligivel: — Estou prompto!

Foram as suas ultimas palavras.

Os olhos cerraram se-lhe e exhalou o ultimo suspiro.

Junto do seu cadaver vellaram seu irmão Eduardo, umas irmãs de caridade e a grande actriz Lucinda Simões, que tinha por Fernando Caldeira um affecto fraternal, que fôra a intrepete da sua primeira obra dramatica, ha 18 annos,—o *Sapatinho de Setim*, e que, apenas soube que elle tinha morrido, correu a acompanhá-lo nas ultimas horas que o seu cadaver passava em Lisboa.

No dia 4, ás quatro horas da tarde os amigos intimos de Fernando Caldeira, acompanharam-n'o até á estação do caminho de ferro em Bemfica, d'onde, segundo as suas disposições, o seu cadaver seguiu para Agueda, sua terra natal, a dormir



ESTATUA DE JULIO CESAR MACHADO NO CEMITERIO ORIENTAL

ESCUPTURA DO SR. SIMÕES D'ALMRIDA
(Copia de uma photographia do sr. Bobone)

o eterno somno no seu jazigo de familia, ao lado dos seus, que elle tanto adorava.

Em Agueda o dia do funeral de Fernando Caldeira foi um dia de lucto geral. Todas as lojas e estabelecimentos fecharam as suas portas e a população acompanhou o cadaver ao jazigo banhada em lagrimas, chorando como se chora a morte d'um amigo querido!

No proximo numero, o OCCIDENTE publicará o retrato de Fernando Caldeira e então tentaremos esboçar uma rapida biographia do grande escriptor e do chorado amigo.

* * *

Prometemos ha semanas fallar aqui do drama a *Irmã* e da festa do seu auctor, no theatro de D. Maria.

Essa festa só se realizou no dia 5 do corrente porque doenças de artistas incumbidos do drama de papeis principaes fizeram retardar até então a decima quinta recita da applaudida peça.

A festa de Alberto Braga foi uma festa brilhante e o distincto escriptor teve n'essa noite, nas repetidas chamadas que lhe fez o publico, nos numerosos e valiosos brindes que lhe foram offerecidos, a prova de quanto é querido e de como foi bem recebido e bem avaliado o seu distincto trabalho.

A *Irmã*, que pela primeira vez tivemos occasião d'ouvir n'essa noite da festa, é um drama interessante, muito bem dialogado e muito bem representado.

É o segundo trabalho dramatico de Alberto Braga, e nota se n'elle um grandissimo progresso sobre o primeiro, um progresso de bom agouro que nos dá direito a esperar do seu auctor trabalhos notabilissimos e nos impõe o dever de o applaudir sem reservas por este seu primeiro triumpho.

Evidentemente está ali um auctor dramatico: a *Irmã*, é claro que tem defeitos, mas tem qualidades de primeira ordem, affirma uma vontade tenaz e intelligente no seu auctor, é prova d'uma decidida vocação theatral.

Os defeitos que tem veem da inexperiencia do theatro, inherentes a quem começa: as qualidades são do mais subido valor, e resgatam esses pequenos defeitos, e a prova está no successo franco e sincero que a peça encontrou perante o publico nas suas quinze representações.

O primeiro acto é um esplendido acto de comedia, muito bem pensado e excelentemente dialogado — uma das primeiras qualidades de Alberto Braga e que é incontestavelmente uma das mais poderosas qualidades de auctor dramatico.

O segundo acto está feito com muita habilidade theatral: é um acto quasi todo de comedia e o drama surge de repente no final d'esse acto, empolgando o publico.

Os meios de que o auctor se serve n'este acto para provocar a situação dramatica são um pouco pueris e ingenuos — é verdade, mas isso desaparecerá logo que Alberto Braga esteja mais senhor dos processos theatraes, e a situação dramatica é posta com vigor, com talento, e d'ahi o successo alcançado por esse acto.

O terceiro acto é um dos melhores da peça, senão o melhor, está traçado com vigor, escripto com muita intensidade dramatica e foi elle com certeza, que decidiu a victoria alcançada pela peça, victoria pela qual felicitamos sinceramente Alberto Braga, congratulando-nos com elle pela justiça feita pelo publico ao seu talento e ás suas brilhantes qualidades de escriptor.

O quarto acto é o mais fraco da peça, mas a victoria estava já ganha e o successo da peça já garantido.

O desempenho da peça é, em geral, magnifico.

* * *

Na noite immediata, sexta feira 6, deu-se em D. Maria, em primeira representação, um drama em 3 actos, *O Suicida*, original do sr. Lorjô Tavares, o auctor applaudido do *Segredo da Confissão* e da opera comica, *A Moura de Silves*, que ha annos teve grande exito no theatro da Trindade.

O Suicida é um drama cheio de situações violentas e architectado sobre um assumpto muito dramatico, mas de solução difficil.

O auctor conheceu bem o eschoho da sua peça que era a impressão dolorosa e pesada que das suas situações não podia deixar de sahir, e tentou alegrar o quadro demasiado negro, com o personagem gracioso d'aquella creança, que Rosa Damasceno desempenha com a alegria e gentileza que a distinguem n'este genero de papeis, e com

o personagem comico da impertigada professora ingleza que não pensa senão em comer.

A peça tem scenas excellentes, tem vigor dramatico e tem effeitos theatraes que denotam mais uma vez a pujança de pulso de Lorjô Tavares para este genero, e que fazem esquecer as deficiencias que porventura se possam notar aqui e ali na ordidura da peça.

O desempenho do *Suicida*, muito correcto por parte de todos os artistas, foi excellente por parte de Rosa Damasceno, Virginia, Falco, Emilia Lopes, João Rosa, Brazão, Augusto Rosa e o actor Santos que faz muito bem o papel d'um velho marinheiro.

A companhia do theatro do Principe Real do Porto, que como dissemos na nossa ultima chronica está representando no theatro do Principe Real de Lisboa, tem tido um grande e justificadissimo successo.

A peça de abertura foi o *Rei Damnado*, peça que é um verdadeiro triumpho para Angela Pinto e José Ricardo, que da primeira á ultima scena são magnificos nos seus papeis.

A segunda peça foi *Os 28 dias de Clarinha*, comedia-opereta em 4 actos de Antony Marx e Hypolite Raimond, musica de Victor Ruger, e que é uma das peças mais bem feitas, mais engraçadas mais completas que ultimamente a França tem produzido.

O successo dos *28 dias de Clarinha* tem sido verdadeiramente excepcional em Lisboa. Representada ao mesmo tempo em dois theatros, na Trindade, e no Principe Real pela companhia Taveira, a famosa peça enche todas as noites os dois theatros e todas as noites conquista em ambos elles ruidosas ovações.

Na Trindade os *28 dias de Clarinha* são representados excellentemente pela Pepa que é gentilissima no papel de Clarinha, e que com esta peça fez ha noites o seu beneficio, que foi uma festa brilhantissima, a Augusta Cordeiro, Amelia Barros, Portugal, Joaquim Silva, Alfredo de Carvalho, Queiroz, Gomes: no Principe Real são representados excellentemente pela Angela Pinto, que faz uma deliciosa Clarinha, Thereza Mattos, Maria da Luz, Carmen, José Ricardo, Taveira, Santos Mello, Firminio, etc.

Na nossa terra, com a mania que nós temos de confrontos, todos perguntam, qual vae melhor na peça, se a companhia da Trindade se a do Taveira, mas apesar d'essa mania e d'esse desejo de discutir primarias, ainda não se conseguiu saber qual das duas companhias vae melhor, e aquelles que applaudiram hontem muito na Trindade, applaudem hoje muito do Principe Real, aquelles que applaudiram hontem muito no Principe Real applaudem hoje muito na Trindade e todos tem razão em applaudir porque ambas as companhias vão muito bem.

Para a proxima quinta feira annuncia se uma grande novidade no theatro da Trindade a companhia d'opera-comica franceza, que traz como estrellia a Montbason.

Para não cortar a carreira triumphal dos *28 dias de Clarinha* a companhia da Trindade emquanto n'este theatro se dão as recitas da companhia franceza, vae dar os *28 dias de Clarinha* para o theatro da Rua dos Condes.

A Montbason dá em Lisboa 10 espectaculos e d'elles fallaremos na proxima Chronica.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

ESTATUA DE JULIO CESAR MACHADO

NO SEU TUMULO, NO CEMITERIO ORIENTAL

A gravura que illustra hoje a primeira pagina d'este numero, é mais uma bella obra d'arte do insigne esculptor o sr. Simões d'Almeida. Na *Chronica Occidental* do n.º 543 deu-se noticia da inauguração da estatua de Julio Cesar Machado, no tumulo mandado fazer por uma commissão de amigos e admiradores do illustre folhetinista, que para esse fim tinham aberto uma subscrição publica.

Hoje completamos essa noticia, publicando a gravura da estatua, que, como dissemos é mais uma obra primorosa do distincto artista e professor.

N'outro lugar encontrarão os leitores um primo-

roso artigo do nosso presado collega e amigo sr. Zacharias d'Aça, arrespeito de Julio Cesar Machado.

MANIFESTAÇÃO DA ACADEMIA DE COIMBRA ANTE O TUMULO DO INFANTE D. HENRIQUE

Como se sabe, os estudantes da Universidade de Coimbra, não tendo adherido á consagração geral, feita no Porto ao infante D. Henrique, quizeram, por si sós, promover uma manifestação a mais solemne possivel ante o tumulo do esforçado infante.

Assim, pois, se fez, e os estudantes dirigiram-se no dia quatro do mez passado ao convento da Batalha para deporem no sarcophago do illustre varão, uma corôa, commemorando d'esta forma o quingentissimo anniversario do nascimento de D. Henrique.

Partiram, pois, de Coimbra em comboyo expresso para Leiria e da ahi para a Batalha. A recepção entusiastica feita pela academia leiriense aos seus collegas, foi o mais gentil e captivante que dar se pode.

Narremos o que então, na cidade de Leiria, se fez para receber se condignamente a rapida visita dos estudantes de Coimbra.

Logo que em Leiria constou tal noticia, uma commissão de estudantes leirienses, tratou de receber os seus collegas da Universidade e esta recepção como abaixo descrevemos, foi muito ruidosa e mais uma vez demonstrou quanto vale a fraternidade da mocidade das escolas.

Eram nove horas e meia do dia quando chegou o comboyo conduzindo 450 estudantes e outras pessoas. Na frente da machina via-se o retrato do infante D. Henrique e as carruagens estavam ornamentadas com bandeiras, flôres, e pastas de quintanistas.

Aguardavam na *gare* de Leiria os estudantes do Lyceu d'aquella cidade, acompanhados com a Sociedade Artistica Musical Leiriense, a chegada do comboyo. Em volta da estação era grande o numero de pessoas.

Logo que a locomotiva entrou nas agulhas, a phylarmonica tocou o hymno academico, e soltaram se vivas entusiasticos e phreneticos de uma para outra academia.

Apenas trocados os cumprimentos, e no meio de continuas aclamações, formou se o cortejo com a phylarmonica á frente pela ordem seguinte: a commissão conduzindo a corôa, os estudantes de Leiria, o estandarte camoneano, estandarte da tuna, alumnos de theologia, direito, medicina, mathematica, philosophia, pharmacia, etc. com as suas respectivas insignias, seguindo atraz uma enorme multidão. Assim ordenado, foi no meio das mais delirantes saudações que o numeroso cortejo entrou em Leiria e percorreu algumas ruas d'aquella cidade.

Todas as janellas e varandas, todos os pontos por onde passavam os estudantes estavam cheios de povo, que retribuia com uzura as saudações. D'algumas janellas se lançaram flôres, e os vivas subiram de ponto.

Testemunhas de tão brilhante festa, dizem que só a mocidade academica com o seu entusiasmo poderia ter produzido um tão verdadeiro delirio.

Depois, destroçados, seguiram os manifestantes para a Batalha e quando ahi chegaram, a commissão academica, que era presidida pelo alumno do 5.º anno de direito, Abel Correia da Silva Portal, tratou de cumprir o seu voto, subiram ao ar muitos foguetes e a phylarmonica da villa não cessou de tocar.

Teve lugar, então, o depor se a corôa no tumulo do infante, o qual como os nossos leitores viram da estampa que publicamos a paginas 68 do presente volume, fica n'uma magnifica capella lateral do templo e o presidente da commissão, que era o portador pronunciou algumas palavras sobre o motivo que levava a academia de Coimbra a prestar aquella homenagem; sendo este orador seguido de muitos outros.

Cerca das seis horas da tarde, já os estudantes se achavam de regresso a Leiria.

A's 7 começou o banquete, tendo uma das mesas tresentos talheres. Correu animadissimo este jantar, depois os estudantes, após um pequeno sarau no theatro D. Maria Pia, regressaram ás 11 da noite para Coimbra, levando no coração uma certa tristeza por não poderem permanecer mais tempo n'uma cidade que tão bem os acolhera, e com o espirito satisfeito com a homenagem que acabavam de prestar.

Terminamos, esta noticia, com o final do vibrante discurso pronunciado pelo sr. Alfredo Telles, alumno do Lyceu de Leiria, perante o tumulo do infante navegador,



FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO — O CORTEJO FLUVIAL.
(Desenho pelo sr. J. R. Christino da Silva)

e AA. foram alli recebidas com as honras devidas, demorando-se na visita áquelle navio cerca de um quarto de hora. O «Bellona» quando a familia real se dirigia para a corveta «Sagres», dá a salva da ordenança.

Desembarcada, com o devido ceremonial, a pedra fundamental do monumento, procedeu-se ao assentamento d'ella, depois de respectivamente benzida pelo sr. cardeal D. Americo. O acto da collocação foi feito pela familia real, com a assistencia de todas as autoridades, corporações e uma multidão compacta.

Assignado o auto da inauguração, foi celebrado na igreja parochial de S. Nicolau, um solemne Te-Deum, officiado o sr. cardeal D. Americo.

Discursaram em seguida os srs. conselheiro Ferreira do Amaral, por parte da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que é presidente, o sr. Bento Carqueja, membro da commissão do centenario, recitando o sr. Augusto Luz uma poesia.

Depois d'isto procedeu-se á distribuição dos premios:

De 500.000 réis ao sr. Alfredo Alves, como author da melhor memoria que foi apresentada em concurso, ácerca do Infante D. Henrique.

De 300.000 réis ao sr. Fortunato de Almeida, de Coimbra, como author da memoria classificada em 2.º lugar.

De 300.000 réis ao esculptor Thomaz Costa,

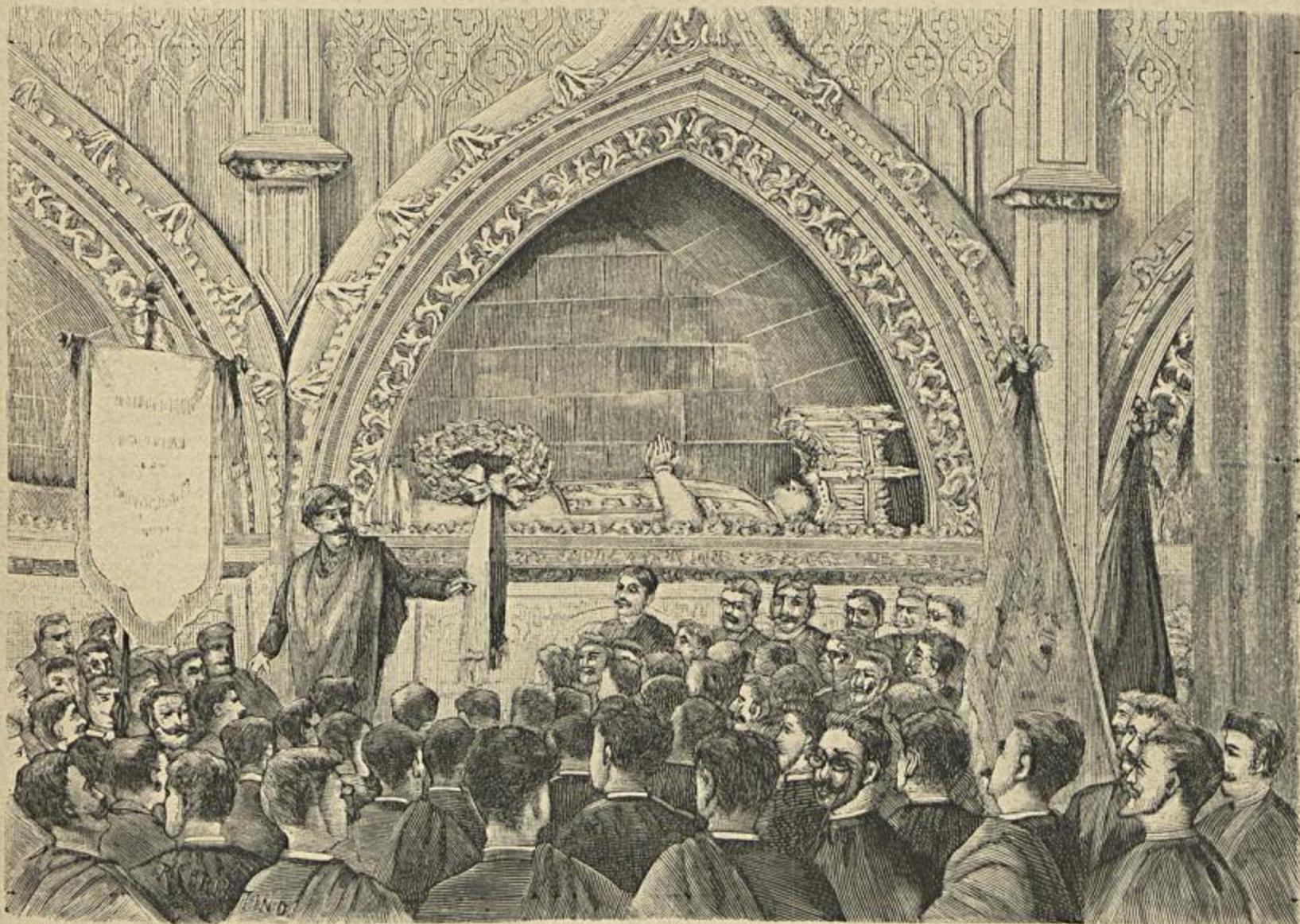
minando detidamente muitos dos objectos expostos.

Terminada essa visita voltaram para o Porto, indo assistir á festa realisada pela Associação dos Bombeiros Voluntarios.

No salão da casa da Associação, onde SS. MM. e convidados entraram, tomou a presidencia o sr. Manoel Vieira de Andrade, que fez um discurso adequado ao acto, seguindo-se-lhe no uso da palavra os srs. Firmino Pereira e padre Francisco Patricio.

Depois d'isto SS. MM. desceram ao pateo da casa, onde havia um pavilhão que lhes era destinado e assistiram á distribuição de um bodo a 160 pobres estando alli tambem 30 creanças de ambos

CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE



MANIFESTAÇÃO DA ACADEMIA DE COIMBRA ANTE O TUMULO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO MOSTEIRO DA BATALHA

(Desenho pelo sr. J. R. Christino da Silva)

Durante a collocação da primeira pedra do monumento, foi executado pelas creanças, còros e grande banda, o hymno de Alfredo Keil.

A noite houve espectáculo de gala no theatro de S. João, cantando-se a «Hebrea», desempenhada pela companhia do theatro de S. Carlos.

Recitaram poesias os srs. Manoel Vieira de Andrade e Alexandre Braga Junior.

Repetiram-se as iluminações publicas com o mesmo hrlhantismo da noite anterior e no Caminho da Regeneração queimou-se um vistoso fogo de artificio, que foi presenciado por centenas de pessoas.

No dia 5 realisou-se nas salas da Bibliotheca Publica a sessão solemne, commemorativa do centenario, a que assistiram a familia real e comitiva, ministros, autoridades, etc.

A sessão foi aberta pelo sr. conselheiro Costa e Almeida, que expoz o objectivo d'aquella solemnidade.

como author do projecto de monumento, approvado em concurso.

De 100.000 ao architecto Ventura Terra, como author de outro projecto classificado em 2.º lugar.

Seguiu-se a distribuição do «Premio Camões», instituido por iniciativa do jornal o «Commercio do Porto», para os alumnos de instrucção secundaria melhor classificados nos respectivos exames.

Terminada a sessão, a familia real acompanhada de quasi todas as pessoas que tinham assistido a ella, dirigiu-se para Villa Nova de Gaya, afim de inaugurar a exposição agricola e industrial d'aquella concelho.

SS. MM. foram recebidas pelas autoridades da villa e pela commissão.

Leu o discurso de abertura o presidente da referida commissão o sr. dr. Arthur Macedo, respondendo el-rei.

SS. MM. percorreram depois a exposição, exa-

os sexos que haviam sido contempladas com vestuarios.

A noite houve jantar de gala no paço, terminado o qual, SS. MM. foram ao Club Portuense, assistir ao baile que alli lhes era offerecido e no qual El-rei dansou com a sr.ª D. Carlota Van-Zeller e a Rainha com os srs. presidente do conselho, Christiano Van-Zeller e conde de Gouveia.

S. M. a Rainha tinha durante o dia visitado o Recolhimento do Bom Pastor e a Crèche de S. Vicente de Paula.

Os principes assistiram de tarde á corrida de touros no Colyseu Portuense.

No dia 6, ás 9 horas da manhã, el-rei foi assistir a um torneio de tiro no Club dos Caçadores e no qual tambem tomou parte, disparando alguns tiros aos pombos.

Depois do meio dia, SS. MM. e AA. foram á freguezia de Gueifães, assistir á inauguração da escola primaria Principe da Beira, mandada

construir e dotada pelo sr. Joaquim Carlos da Silva.

Esse acto realisou-se com todo o luzimento, discursando o presidente da camara municipal da Maia, uma filha do presidente da commissão dos festejos e por ultimo o conego Alves Mendes.

A familia real regressou depois ao Paço, indo ás 4 horas da tarde á Rotunda da Boavista, assistir ás corridas de velocipedes promovidas pelo Club Velocipedista do Porto.

(Continúa)

R.

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

VIII

(Continuado do numero 550)

Ora foi por este tempo que D. Balthazar sahindo de casa, certa manhã, com o José Russo, ambos a cavallo, em direcção a Vizeu, nunca mais tornou a apparecer em Silgueiros.

D. Luiza Cordovil que desde o inverno andava mal de saude, abalada por violentas tosses e debilidades languidas, peiorou com este incidente, crendo o marido victima de algum attentado identico ao de Vicente Mesquita. E quando o padre Lopo, exaltadissimo, esquecendo o segredo que a si mesmo tinha jurado, ululou que D. Balthazar fugira com a judia, Luiza teve esta phrase de uma generosidade candida e sincera:

— Antes seja isso, do que caso de morte.

Entanto como os dias passavam e tudo ia confirmando a conjectura do padre, o sentimento de piedade que primeiro impulsionou o coração de D. Luiza Cordovil, ia gradualmente dando lugar a uma maguante tristeza de abandono e secretamente accusava a deslealdade do marido que não hesitara em trocal-a e ao filho, por uma aventura vulgar incapaz de um amor desinteressado e puro. Fechada longas horas no seu quarto, desaffogava n'um choro hysterico, a onda de angustias que a amargurava a subitos, intermitentemente; outras vezes, n'uma grande resignação dorida e vaga, ficava-se a divertir o pequeno Pedro Luiz que então começava a papagaiar algumas palavras onde a avó, doida pelo rapaz, via sempre claras revelações de uma intellectualidade superior.

A nova do desaparecimento de D. Balthazar tinha rastilhado com maravilhosa rapidez por todo Vizeu, soprando indignações nos animos fidalgos que viam n'aquelle inqualificavel delicto, uma nodoa que os abrangia tambem; mas de ahí a dias, quando livremente se propapalou o boato de que elle fugira com uma judia, filha de paes queimados em auto de fé, a nobreza de tres leguas em redor ergueu as mãos ao ceu, pedindo a Deus a chuva de enxofre e o pez do Santo Officio para digna punição de tantas perfidias sem memoria.

Algumas familias aparentadas com os Cordovis, vestiram luto e foram como em visita de pesames, sondar mais fundo, averiguar os pormenores do drama; mas ao depararem com a catadurna severa do padre Lopo, com a dor soffrida e muda de Luiza e com a indiferença morbida de D. Joannu de Almeida, debandaram com a curiosidade picada, fazendo alaridos ignominiosos pelos salões do seu convívio.

Entretanto as justiças de Vizeu, attribuladas pelo palavrear indignado dos principaes senhores d'aquelles sitios, que lançavam á sua inercia relativa á judia, toda a culpa do que succedera, activavam fogaosamente um inquerito para se saber dos fugitivos. Todavia tudo o que se conseguiu averiguar, foi que elles tinham saído da provincia para terras do norte a cavallo, e que o lacaio José Russo os acompanhara. Suppunha-se que estivessem n'alguma ignorada herdade da casa de Val-de-Bouro, ou então que tivessem passado a Hespanha.

Esta conjectura foi a que mais opiniosamente se accitou, quando se soube que D. Balthazar liquidara grandes haveres antes de partir, o que evidenciava a premeditação do delicto e o calculo de se passar definitivamente, talvez para sempre, a um paiz estranho.

— Ora ahí está o que o maroto ia fazer tantas vezes a Vizeu... Arraujar dinheire pr'á funçanata! — exclamou o bacharel em canones.

Passaram ainda alguns dias tristes de espectativa.

Dois mezes depois, um hebreu da Guarda, que regressava de Amsterdam, procurou em Silguei-

ros o padre Lopo de Almeida, entregou-lhe uma carta sem dizer a procedencia, e retirou-se no mesmo instante.

A carta era de D. Balthazar; e o padre rugiu uma exclamação ao adivinhal-o. Inclusa, vinha outra, dirigida a D. Luiza Cordovil, cuja entrega condicional só seria realisada no caso de o padre Lopo comprehender que levaria algum conforto ao sofrimento moral da sobrinha: era o pedido de D. Balthazar.

No restante da carta ao padre, explicava elle que se refugiara em Amsterdam por ter aviso de que lhe preparavam uma montaria, tanto os da Inquisição como a justiça secular, a quem as leis obrigavam a proceder. Pedia-lhe perdão para tão imperdoavel conducta, dizendo-se arrastado por um destino infernal, superior á sua vontade; que breve remiria com a vida a deslealdade a que a sorte o condemnara, porque se sentia velho da alma, como amortalhado em vida...

Na carta á esposa, D. Balthazar tinha as mesmas palavras de implorante humildade, attribuindo os seus desvios a um jogo de fatalismo, e penetrando as palavras de nma suavidade internecida de adeus.

Ao terminar a leitura o padre Lopo resolveu entregar a carta á sobrinha, e, entre commovido e indignado, exclamava:

— Aquella maldita! aquella maldita! Antes eu a deixasse ir para a fogueira! Feiticeira do inferno! que drogas lhe daria ella para o pôr n'aquelle estado!

Era a sua crença constante, esta de a judia ter usado filtros magicos para assim arrastar o sobrinho atraz de si, n'uma paixão vergonhosa Teimoso n'esta convicção, D. Balthazar, a seus olhos, era quasi um irresponsavel; e as palavras da carta de Amsterdam, doridas de queixas contra alguma coisa de sobrenatural que lhe apagava a vontade, vieram confirmar triumphantemente as suas idéas.

Assim, ao depôr no regaço da sobrinha a carta que lhe era dirigida; disse apenas, com os olhos humedecidos:

— Ah! tens, é d'elle.

— D'elle, do Balthazar?

— Sim... Eu bem o dizia, aquella endemoinhada empeçonhou o de peccado... Está perdido!

— Mas leia, leia, tio!... — interrompeu Luiza, convulsa, estendendo-lhe o papel. — Leia, tio, leia!... E onde esta elle?

— Pois onde ha de estar, senão na terra dos herejes? Tu nunca ouviste fallar n'uma terra chamada Hollanda, onde Satanaz anda como em casa sua?... Pois foi para lá que a maldita o levou.

— Jesus!

— Está perdido, perdido sem remedio, elle mesmo o diz... vaes ouvir!

O padre leu as palavras doridas de D. Balthazar, accentuando com força as exclamações de precito que o sobrinho lançara no papel. Quando terminou, D. Luiza Cordovil abafava os soluços com a cabeça apertada entre as mãos convulsas.

— Então, sobrinha, então!... Isto não vae a matar!

— Se elle voltasse, se essa mulher o deixasse!... Podia se lhe dar...

— Dinheiro para o largar? Isso quiz eu fazer em tempo, mas aquillo não é mulher é uma serva de Satanaz; e o que ella quer, é mandar-lhe a alma pr' o inferno! O verdadeiro remedio, sei eu qual era...

— Sabe? diga!

— Agora é tempo perdido! Era entregal a á Inquisição, deixal a estourar ahí n'uma fogueira! Pois então! Arrependido estou eu de o não ter feito. Fica-me de escarmenta.

— Ouça, tio... E se se conseguisse afastar essa mulher por outro meio?... Ella não tem mãe, alguma pessoa de familia que a possa aconselhar? Se ella não acceta o dinheiro, pode alguém da familia accetal-o, e tudo era o mesmo, com tanto que o Balthazar voltasse d'essas terras malditas...

— Qual voltar! Elle não pode voltar senão castrifilam no! Tu não sebes como as leis mandam punir os que se empecedam com herejes? moiras ou judias, não sebes?... Pois condemnamos a morrer. Se o teu marido cá vinha, era o que lhe podia succeder, apesar de ser quem é, e de o rei novo se fazer muito amigo dos judeus para lhes sugar o dinheiro!

— Jesus!

— Isto é a verdade nua e crua. Agora mais tarde, esquecido o caso, talvez se obtenha o indulto. A questão é esperar que alguns annos passem, e que o mafarrico leve a tal feiticeira! Sem isto, nada feito.

Entretanto, a nova do successo extraordinario, passou da justiça secular para os tribunales eccle-

siasticos; e em Lisboa, apesar dos tumultos que começavam a agitar a cidade, aquelle caso, sem memoria, de um fidalgo de uma das primeiras casas de Portugal, fugir com uma judia declarada causou tanta impressão como em Vizeu.

Bem que n'aquella epoccha D. João IV tivesse decretado contra a perseguição dos judeus, por necessidade que tinha dos thesouros da raça maldita, as auctoridades ecclesiasticas não se cohibiram de reparar na singularidade do delicto, e o conde da Agra, irmão primogenito de D. Balthazar, foi amigavelmente entrevistado pelo inquisidor-geral D. Francisco de Castro, que tinha relações de parentesco com a casa de Val-de-Bouro.

Encontrando o conde da Agra occasião de se desforrar do irmão que não respeitava a sua auctoridade de primogenito, respondeu duramente ás exclamações do inquisidor, declarando que D. Balthazar era desprezado por toda a familia, como fulto dos brios a que o obrigavam o seu nascimento e gerarchia. E rematou com impudente rancor:

— Proceda v. s.^a rev.^{ma} como com um vilão estranho ao nosso sangue.

— Attendamos, primo, attendamos... De mais, eu nada posso fazer, visto elle estar fóra do nosso alcance... Agora, o que elle poderia soffrer era a perda dos direitos que gosava...

— Pois fallaremos d'isso, primo inquisidor, fallaremos d'isso!...

O padre Lopo, entretanto, sempre com o remorso de ter concorrido para aquelle casamento, e tendo por vezes surpreendido a dór occulta da sobrinha, pôz um dia de parte o seu horror á viagens longas, e deliberou ir a Lisboa pedir ao velho conde que remediasse de qualquer maneira aquelle desgosto; quer impondo a sua auctoridade de pae, quer fazendo valer o seu poderio para que a Gaya fosse presa e D. Balthazar indultado. Pensou a principio em levar consigo o pequeno Pedro Luiz, mas a mãe oppoz se tenazmente, clamando que lhe não duplicassem a sua viovez.

Estava-se em agosto Lisboa, emocionada pela prisão do marquez de Villa Real e mais cumplices da conspiração, burburinhava pelos recantos, mordendo reputações, querendo associar mais nomes illustres á lista escandalosa dos conjurados. O inquisidor-geral, D. Francisco de Castro, fóra tambem enclausurado, como connivente no crime; e este acontecimento extraordinario fez arrefecer os estímulos rancorosos do conde da Agra.

O padre Lopo chegou á capital no dia 27 de agosto. Toda a população andava excitada com o inesperado rigor das sentenças que haviam condemnado a familia de Villa Real, e todos os outros conjurados. O padre, boquiaberto com tudo o que ouvia, achou-se, quasi sem saber como, no palacio do conde de Val de Bouro.

Tão desnorreado ia, que em frente do velho fidalgo, acolhido affectuosamente, o bom do bacharel quasi esquecera o motivo da sua longa jornada.

Mas o conde advinhára; e logo depois do primeiro cumprimento, exclamou:

— Sei a que vem...

— Sabe?...?

— Infelizmente... É por causa do Balthazar, não é?... Mas vossa mercê deve vir fatigado; fallaremos d'isso depois, com mais vagar... Sabe a grande novidade?

— A dos conspiradores? Estou pasmado!... Ouvei pelas ruas que o sr. marquez de Villa Real ia ser degollado!...

— É verdade, o duque de Bragança, uma vez que o fizeram rei, quer hom sangue para tingir a purpura da sua nova dignidade... Boni sangue, se elle o analysar bem, verá algum do seu juntamente... — Mas aquillo é o desfazer do pacto... O neto do duque D. Fernando-das-pernas-gordas, quebra emfim o pacto remoto com o neto do duque de Vizeu, D. Diogo... (1) Como vossa mercê sabe, foram estes dois fidalgos que tentaram matar el rei D. João II, que por seu turno os matou... Não cuide entretanto vossa mercê que eu estou aqui

(1) D. Luiz de Menezes e Noronha, 7.^o marquez de Villa Real era tetraneto de D. Diogo, duque de Vizeu, irmão primogenito do rei D. Manuel por via de sua avó D. Brites de Lara, filha de D. Afonso de Portugal, condestavel do reino que era filho bastardo do dito D. Diogo. A casa de Villa Real tinha proximo parentesco com a casa de Bragança, por mais de uma linha da sua geração. O proprio marquez justicado era igualmente, como D. João IV, quarto neto do duque de Bragança. D. Fernando, que o *Principe Perfeito* mandou decapitar, pelo casamento de D. Brites de Bragança, filha do mencionado duque, com o primeiro marquez de Villa Real, D. Pedro de Menezes. Havia mesmo uma alliança recente entre as duas casas: o irmão primogenito do marquez degollado, D. Miguel (que falleceu sem descendencia e foi sexto marquez de Villa Real e segundo duque de Caminha) tinha casado, da primeira vez, com D. Izabel de Lencastre, filha de D. Theodorio, duque de Bragança.

a palestrar porque me aborrece o novo rei; não, senhor! basta elle ser portuguez para merecer o meu apoio. O que me doe, realmente, é ver injustiças; e aquella do duque de Caminha, que está tão innocente como eu, padecer pena de morte, é uma maldade sem nome.

— As casas de Villa Real e Caminha, ouço dizer que eram das mais opulentas e prosperas de todo o reino... — arriscou o padre.

— Isso, sim! Vem a tempo a observação!... Tem vossa mercê razão! As casas de Villa Real e Caminha são opulentas e o novo rei precisa de dinheiro... Uma coisa explica a outra, não lhe parece?... Além d'isso, a rainha D. Luiza de Gusman tem um tal amor ao seu throno, que para se conservar n'elle é capaz de aconselhar ao marido a exterminação de todos os portuguezes e ficar a reinar ainda que seja n'um paiz sem gente!... É como estas mulheres da baixa plebe que tomam um aprumo insolente quando por um revez da fortuna se veem de subito transformadas em senhoras...

— E parece que o casamento lhe deslaçou as recordações da patria... Acho que ella, sendo hespanhola, é a primeira a aconselhar a matança dos seus compatriotas.

— Quanto a mim, reverendo senhor, ella p'ra se conservar no poleiro, era capaz de matar o proprio pae.

Dilatou-se ainda por algum tempo a palestra dos dois velhos. Ao cahir da tarde, o conde de Val de Bouro fechou-se com o padre Lopo no seu gabinete, correu os pesados resposteiros com certa precaução discreta, e disse por fim:

— Eu trouxe-o para aqui, reverendo senhor, para fallarmos mais á vontade. O negocio é grave e a creadagem dos nossos dias é vesada a fallar de mais... Fallemos do Balthazar. Desappareceu com uma concubina, não é isso?

Uma judia, senhor conde, uma maldita feiteira!

— Sim, tambem sei... Quando pensaria eu que um filho da casa de Val de Bouro renegasse a fé dos da sua raça! Está nos Paizes Baixos, não é verdade?

— Sim, senhor. Escreveu-me ha dias de Amsterdam. Escreveu-me a mim e á esposa...

— Como?!...

— Pedindo lhe perdão... Diz que está preso a um destino fatal, que não tem forças para lutar contra a sorte que o leva... Muitas coisas! Ainda elle conhece os maus lençoes em que está; porque isto de endemoninhados, no geral dos casos, não dizem coisa com geito.

— Endemoninhado?! Vossa mercê acredita que elle esteja endemoninhado?

— Pois então?... Aquillo não foi mais nada; a maldita deu-lhe alguma droga a beber, empeçonhou-o de maus espiritos, e agora que remedio tem elle senão andar ao mando d'ella?... Comtudo, talvez se v. s.^a...

— Eu, quê?...

— Se v. s.^a conseguisse que as justicas o deixassem em paz e lhe enviasse mensagem com ordem de vir...

— Mas eu é que não quero ver mais esse monstro que me deshonrou, que nos deshonrou, senhor padre Lopo de Almeida!

— Em parte, assim é, senhor, assim é... Mas o perdão é agradavel a Deus, e o melhor a fazer é perdoar, se isso poder melhorar a sorte do senhor D. Balthazar. Além d'isso, v. s.^a não ignora que elle deixou um filho, e não é justo que a creancinha soffra o resultado cruel dos desatinos do pae... Foi por este motivo que eu me arrisquei a vir a Lisboa.

— Mas, emfim, o quer que eu faça?

— Que com a sua auctoridade de pae, convença o sr. D. Balthazar dos deveres que contrahiu junto de minha sobrinha.

— Mas se elle está possuido de espiritos rebeldes, como ha de attender as minhas ordens?

— Deus ás vezes faz prodigios, senhor conde; e como o intento é bom, crível é que o céu nos auxilie.

— Mas, ha ainda outra difficuldade. Vossa mercê sabe muito bem que as leis são rigorosissimas contra esses delictos de heresia e concubinação; são dos poucos em que o privilegio de gerarchia nada faz. Ora, apesar do novo rei se mostrar muito benigno com herejes, essas culpas são punidas com o mesmo rigor d'outra ora. E parece-me coisa difficilissima, senão impossivel obter plena indulgencia... Louve a Deus não lhe confiscarem os bens.

— Só se fossem os de minha sobrinha. Os d'elle, teve o cuidado de os vender antes de partir.

— Como? Elle vendeu algumas terras?

— Tudo quanto v. s.^a lhe dotou.

— Mesmo a herdade de Vianna?

— Tudo, tudo.

— E sua sobrinha outhorgou?...

— Elle lá arranjou a coisa com umas procurações... Eu só soube isso depois.

— Mas custa a crêr... Tão rapido!

— Quanto a mim, elle pensava desde muito tempo no passo que deu... Eu soube de uns negocios secretos que elle fez um anno antes da fuga.

— E queria vossa mercê que eu trabalhasse para que um tal monstro viesse envergonhar a minha velhice, chamando-me pae! Foi; deixal-o ir! Que morra esquecido, que esqueça mesmo o nome da familia!... Quê?! pois eu havia de considerar meu filho, um vilão que nada respeitou nem o seu nome, nem os seus deveres de esposo e pae, nem a tradição familiar d'esses torrões que lhe dotei com a esperança de que continuariam, atravez dos seculos, na posse dos homens fortes da minha raça?! Não, não!

— Senhor conde...

— Não, não ha compaixão possivel! — repetia o velho nervosamente. — Se elle cá apparecesse, senhor padre Lopo de Almeida, eu, eu que por um sarcasmo da natureza sou pae de tal homem, seria o primeiro a indical-o á justiça e a esportular o verdugo que lhe cortasse o pescoço!

— Mas, senhor conde, é necessario attender... Ha o filho... Creio que v. s.^a não quer fazer uma creança de dois annos responsavel pelos tresvários do pae.

— Certamente, eu não renege meu neto! Tudo quanto faria por meu filho, se elle m'o merecesse, fal-o hei pelo pequeno Pedro.

— É que eu, senhor conde, sentiria um desgosto de morte se qualquer fama...

— Não ha fomas, não ha nada!... O processo contra a tal judia, foi abafado a instancias minhas; não se falla mais n'isso. Esta balburdia da conspiração auxiliou nos muito, para fazer esquecer o caso... Portanto, não se afflija; viva eu alguns annos ainda, prospere a nossa patria, e verá vossa mercê como faremos do filho de D. Luiza Cordovil um grande homem de bem!

— Deus o ouça!

— Ha de ouvir. E como passa ella, minha nora D. Luiza?

— Isso é outra desgraça que me espera. A pobre pequena tem a molestia de que morreu o pae dentro d'aquelle peito, e de dia para dia é um definhar que faz dó! Depois, este caso do marido chocou a muito.

— Infeliz menina! Antes nós nos tivessemos sempre opposto a tal casamento. Emfim, o que não tem remedio...

— Remediado está! — concluiu o padre.

O dia seguinte, 29 d'agosto, era o destinado para a execução dos conjurados. O bacharel em canones resolveu ainda ficar esse dia em Lisboa, querendo levar do fundo da sua alma bondosa a consolação, que esperava, de que o novo rei suspenderia á ultima hora a justiça sanguinaria dos juizes. Entanto, na noite de 28, reboaram por toda a cidade as martelladas urgentes com que se preparava o cadafalso no Rocio; e corria de bocca em bocca o phrase cruel com que D. Luiza de Gusman suspendera a voz comovida do venerando arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, quando elle implorára á sua piedade de esposa e mãe, o perdão do innocente duque de Caminha. E essa phrase que alguns historiadores guardaram (!) como um pedaço de oiro falso que hoje só serve para documentar o caracter ambicioso, quasi cynico, d'essa mulher, era o seguinte: «que a maior mercê que podia fazer-lhe (ao arcebispo) pelo muito que o respeitava, era guardar segredo de tal supplica.»

O padre Lopo, assim que tal ouviu, teve um rugido de indignação:

— Irra, que vibora! E houve quem arriscasse a vida para collocar no throno uma mulher d'estas!...

E já sem esperança, abalou para Vizeu na manhã seguinte, á hora em que a plebe apinhada no Rocio, applaudia, n'um clamor fremente, a justiça de sua magestade, o senhor rei D. João IV, o restaurador...

(Continúa).



REVISTA POLITICA

Ao leitor nunca contaram em pequeno a historia da machadinha? Contaram de certo, e ha de lembrar-se, que o caso da machadinha fazia pen-

(*) Entre outros, D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, na *Historia de Portugal Restaurado*, e D. Francisco Manuel de Mello, no *Tacito Portuguez*.

sar quantos iam ao quarto dos futuros noivos, sobre a sorte que esperava o futuro filhinho d'esses noivos, quando o herço se collocasse n'aquelle dado logar por baixo da machadinha, e esta depois cahisse e matasse o pobre innocente.

E o caso tinha tanto que ponderar, que todos que iam ao tal quarto para saber a razão da demora dos que já lá estavam, ficavam tambem a pensar, sem atinar no modo de resolver a difficuldade.

E iam uns atraz dos outros e todos se quedavam em profundas meditações e até discussões sem acharem meio de evitar tão fatal desastre previsto, mas que se lhes figurava inevitavel.

Mas dirá agora o leitor. Que tem que ver a historia da machadinha, n'esta revista?

Tem tudo caro leitor, porque por mais estapafurdias que certas coisas pareçam, devemos sempre lembrar nos que ellas são humanas, e na humanidade tudo tem pontos de contacto e tudo se explica por mais inexplicavel que pareça.

Aquella historia da machadinha de que vós vos riste muito em pequeno, tambem vos fará rir hoje, se attentardes nos pontos de contacto que ella tem, com o que se está passando em Paris com a questão dos obrigacionistas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Tem ido uns apoz outros emissarios do governo para explicarem o convenio e resolverem as difficuldades do mesmo, e nada de novo. O caso não se resolve e se vamos por este andar, dentro em pouco estão em Paris todos os directores geraes, todos os chefes de repartições, todos os primeiros e segundos officiaes das ditas, até os amantuosos e aspirantes e por fim vão os continuos e serventes, todos a explicarem o convenio e a removerem as difficuldades, que pelos modos não se removem a não ser que vá tambem a companhia braçal da alfandega, que para negocio de força, é o que temos cá de melhor.

E não queremos com isto desfazer na força orçamentologica do sr. Pereira Carrilho, que a estas horas os francezes tem de certo admirado tanto como o digno orçamentolago, terá admirado Paris.

Mas o caso da machadinha não se resolve, e parece nos que todas as difficuldades estão no reconhecimento de alguns milhares de contos de creditos que o Estado tem sobre a Companhia dos Caminhos de Ferro, que não estão perfectamente explicados como creditos do Estado, mas sim de particulares.

Veremos como este negocio se liquida e no entanto passemos uma vista d'olhos pelo que vae pelos arrayaes da urna, prestes a abrir o seu seio para receber n'elle o sufragio dos povos.

Como dissemos, na nossa ultima revista o sr. Conde de Restello não quiz saber da roptura do accordo e declarou-se candidato monarchico quer fosse governamental quer não.

D'este modo o governo incluiu o nome do sr. Conde de Restello na sua lista, apesar do rompimento progressista, e tudo fazia crer que o sr. Conde de Restello recomendaria a lista conforme a ultima combinação.

Puro engano!

O sr. Conde de Restello apresenta-se á ultima hora a recomendar a lista do primeiro accordo, que fôra posta de parte, resultando d'esta alteração maior numero de probabilidades para o triumpho d'alguns candidatos republicanos, em razão de se dividirem os votos monarchicos.

Ora este procedimento do sr. Conde de Restello, que se apresentou como candidato monarchico, tem sido a admiração de todos, o que emfim sempre deve lisongear sua s. ex.^a por ter feito uma vez uma coisa admiravel.

Bem diziamos nós que os progressistas lá tinham a sua fígada.

João Verdades.

NECROLOGIA

CRISPINIANO DA FONSECA

Nascido em meio ingrato, como este que offerece, por vezes, a sociedade portugueza, Crispiano da Fonseca, teve uma vida que bem podemos chamar trabalhosa na sua primeira phase e cheia de trabalhos na segunda. Porém, esta ultima durou menos do que a primeira. Assim, foi luctando desesperadamente que empregado no commercio, empregado nos telegraphos, recusando obstinadamente alguem a dar-lhe uma educação litteraria, tudo venceu, tirando ás divididas e multiplicadas profissões o tempo e o dinheiro, — com inconcebíveis sacrificios — precisos para frequentar aulas e

seguir cursos. Ainda que tendo feito o curso de engenheiro, a sua vida trabalhosa não mudou. Posto que, illustrado finamente, com uma comprehensão amplissima, com uma intelligencia vastissima, não achou em Portugal meio que o comprehendesse e em que as suas aptidões mentaes tivessem onde exercer a sua actividade e a sua grande capacidade de trabalhador estrenuo.



CRISPINIANO DA FONSECA

FALLECIDO NO RIO DE JANEIRO EM 14 DE FEVEREIRO DE 1894

Emigrou, pois, para o Brazil, e ahí pela sua illustração e valor, conquistou o extinto litterato, pelos seus indubitaveis dotes de estylista, o lugar de redactor do jornal do Brazil, o *Paiz*.

Foi no dia 14 de fevereiro do corrente anno que Crispiniano da Fonseca foi victimado pela febre amarella, doença de que elle escarneceu muitas vezes.

Merece-nos grandemente a memoria de Crispiano da Fonseca, e assim o OCCIDENTE presta a sua mais sincera homenagem ao mallogrado moço, ao prototypo dos luctadores. Infunde-nos respeito, e entristecemos bastante ao ver tão poderoso talento e tão seguivel exemplo de trabalho, cahir prostrado para nunca mais se erguer.

No Brazil a sua morte foi muito sentida e grandes foram as demonstrações de apreço e de consideração que á sua memoria lhe dispensou a nossa colonia.



GABRIEL D'ALMEIDA

FALLECIDO EM PONTA DELGADA, EM 29 DE JANEIRO DE 1894

Foi para nós uma verdadeira surpresa a noticia da morte de Gabriel d'Almeida, que o telegrapho transmittiu, com o seu habitual laconismo, no dia 30 de janeiro passado, e essa surpresa explica-se por dois motivos, o primeiro porque Gabriel d'Almeida era um novo, o segundo porque havia poucos dias, o paquete dos Açores tinha trazido cor-

respondencia d'elle para nós, acompanhando uns artigos e photographias para serem publicados no OCCIDENTE.

Pobre moço!

Uma tyfica cruel cedo o levou á cova, iludindo-o quiçá até aos ultimos momentos, no meio do seu aturado trabalho e estudo, que lhe permitiu em tão verdes annos deixar um cabedal consideravel de pequenas obras, tendo entre mãos: o *Diccionario Historico Geographico dos Açores*, cuja publicação a morte veio sustar.

Nascido no anno de 1865, em Ponta Delgada, cedo manifestou a sua tendencia para as letras, quando aos 8 annos de idade já fazia uns jornaesinhos manuscriptos que distribuia em familia.

Entretanto Gabriel d'Almeida falto de recursos, não poudo fazer uma educação litteraria tão completa quanto a merecia, porque tendo que procurar no trabalho os meios de que carecia, para a sua subsistencia, só nas horas que lhe sobravam de suas obrigações, se podia entregar ao estudo.

Mas querer é poder, e tomando esta devisa, fez prodigios que não pouco concorreram para a morte prematura que o victimou.

Foi assim que elle escreveu: *Breve noticia sobre a cultura do chá*, outra sobre o *Tabaco*; *Industria Agricola, Typographica e Lithographica na ilha de S. Miguel*; *A ilha de S. Miguel*; *A vinha*; *Fastos Açorianos*; *O Civilizador*; *Manual do Cultivador e manipulador do chá*; *Os Açores e a Industria Pescatoria*; *Os Açores a Colombo*; *A ilha de Santa Maria*; *Guia do Cultivador e manipulador do chá*; *A Authronose*; *Castilho na ilha de S. Miguel*, e muitos outros artigos publicados em varios jornaes e periodicos litterarios e scientificos.

Foi um dos iniciadores da Comissão Central Colombina nos Açores e fundou a Comissão Promotora da Instrução Popular nas ilhas.

Era socio d'um grande numero de sociedades scientificas e outras, tanto nacionaes como estrangeiras, honras que devia ao seu trabalho assiduo, aos naturaes dotes da sua intelligencia, que em tão poucos annos de vida lhe permittiu produzir tão valiosos fructos, e de que tanto havia ainda a esperar.

Pobre moço!



MIGUEL DE BULHÕES

FALLECIDO EM 16 DE MARÇO DE 1894

Poucos jornalistas portuguezes terão tido tão dignas e maiores homenagens em sua memoria do que Miguel Eduardo Lobo de Bulhões. Cheio de erudição e talento a lista dos seus trabalhos é a completa exhibição da grandeza das suas faculdades.

Como homem, foi o mais honesto, quasi puro; o seu espirito superior revelou-se nas porfiadas lides litterarias.

Foi em 1 de maio de 1830 que nasceu este laborioso escriptor. Muito novo, já alguns cursos completára, assim o antigo curso de humanidades, o do commercio, etc.

A sua vida publica, afanosa em extremo pôde enunciar-se d esta forma:

Sendo empregado na junta do credito publico, foi nomeado chefe da repartição de contabilidade de marinha, e, por uma reforma feita n'aquelle

ministerio passou a dirigir, na direcção do ultramar, a 2.ª repartição á qual cabem os negocios geraes da fazenda ultramarina.

Datam de 1858 os seus trabalhos jornalisticos, época em que collaborou no *Futuro* e successivamente, conforme a existencia das respectivas folhas, na *Politica Liberal*, na *Gazeta de Portugal* em portuguez e em francez; no *Paiz*, na *Correspondencia de Portugal* em que era sua a secção *Successos*.

Ha alguns annos que escrevia no *Commercio do Porto* as chronicas de segunda feira, chronicas sempre procuradas e muito lidas pela forma cordata e satyrica como eram escriptas.

Não obstante os seus multiplicados afazeres publicou varios livros importantes, dos quaes citaremos:

La reforme de l'administration civile en Portugal; *La dette portugaise*, da qual fez uma edição em portuguez; *Colonias Portuguezas*; *Recordações e vagares*; *A fazenda publica de Portugal*; *Praticas vigentes e varias utopias do auctor*. *Historia e historias*, etc.

Grande era o seu peculio de apontamentos historico litterarios, fructo d'um trabalho activo e consciencioso.

Lobo de Bulhões, era agraciado com a commenda de Izabel a Catholica, mas nunca a usou. Grande era o numero de corporações scientificas nacionaes e estrangeiras de que fez parte. O erudito escriptor padecia ha muito tempo, porém a sua morte, embora esperada, produziu uma impressão tal como só produzem as grandes perdas.



VISCONDE DA BELLA VISTA

FALLECIDO EM 30 DE MARÇO DE 1894

Falleceu no dia 30 de março ultimo o sr. Visconde da Bella Vista, Rodrigo da Costa Carvalho, que vivia na sua casa da villa Thomaz Costa á Graça, e que ha muitos annos era membro da direcção da Companhia das Aguas de Lisboa.

Nasceu na cidade do Porto a 13 de novembro de 1818, filho de José da Costa Carvalho e D. Anna Maxima de Carvalho. Foi ainda muito novo para o Brazil onde adquirio bons meios de fortuna, sendo um dos negociantes mais importantes de Pernambuco.

Em Lisboa foi director do extinto Banco Nacional Insulano, mas onde prestou mais relevantes serviços foi como director da Companhia das Aguas, esse grande melhoramento da nossa capital.

No Banco Nacional Insulano comprometeu uma boa parte da sua fortuna, assim como na Companhia de Mineração Plombifera, que falliu.

São importantes os serviços que prestou como membro de varias associações de beneficencia, o que lhe valeu o titulo com que o governo portuguez o agraciou e varias condecorações bem bem merecidas.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 29 — Lisboa